

NEGRITUDE E LITERATURA DE CORDEL: UMA ÉPICA DA INTERCULTURALIDADE ANTE O SUPRANACIONAL

Zélia M.Bora

Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Brasil

zeliabora@yahoo.com.br

Sinopse

Escrever é um dos mais poderosos instrumentos usados pela mídia para levar informações vitais. Nesse sentido, o efeito das “novas ideologias”, para valorização da identidade afro-brasileira, incidem diretamente sobre a produção literária como uma mensagem rigorosamente direcionada a um público menos especializado como receptor. O presente artigo discute a relação entre o gênero cordel e algumas das políticas culturais aplicadas no nordeste do Brasil. Tal estratégia vem comprovar não apenas o processo ativo de negociação entre os grupos subalternizados e os discursos dos poderes hegemônicos, mas também a reatualização do gênero literário do cordel, com o aparecimento de novos narradores e temáticas. Como se observa estes narradores estão plenamente conscientes dos seus papéis políticos ante a comunidade de que, fazem parte. Circulando em um espaço geográfico urbano, a produção não depende da condição econômica de seus leitores para sua aquisição, uma vez que sua distribuição centraliza-se na informação gratuita. Ao contrário da literatura “tradicional”, o real e o verossímil possuem objetivos definidos como informar e ensinar o destinatário sobre a nova lei em vigor. Nesse caso, a literatura cumpre de imediato um de seus papéis clássicos, o de ser útil, revestindo-se de funções igualmente nobres, provocando a “catarse social” de indivíduos pela aquisição de um saber inerente à sua condição de cidadão.

Palavras-chave: cordel, literatura, cultura, racismo, tradição.

Abstract

The most important instrument used by media to carry vital information is expressed by writing. In this sense, the effect of the new ideologies upon African-Brazilian identity influence the literary discourses and later it is directed to a receptive and less specialized public. The present article discusses the relationship between the Literature of *Cordel* and some of the political strategies elaborated by the subaltern people, their negotiation with the hegemonic power and the revitalization of the genre *Cordel*, its new themes and characters. One can observe that these new narrators are fully conscious of their political roles in front of their community. Circulating in a geographical urban space this literary production is free, its production does not depend on the economical condition of its readers to buy it. Contrary to the traditional literature the real and the verisimilar possesses defined objects, such as to inform, to inform and to teach the common people about the Law. In this case the Literature of *Cordel* fulfills classical objectives by aligning noble functions and therefore provoking “social catharsis” in the individuals by helping them to become citizens.

Key words: cordel, literature, culture, racism, tradition

Este ensaio objetiva a análise da produção do educador popular brasileiro, Antonio Heliton de Santana. Tem como tema principal a identidade afro-brasileira e as mediações utilizadas, a partir das preocupações políticas dos Agentes Pastorais Negros, no Estado da Paraíba, nordeste do Brasil. O corpus selecionado consta de duas produções em cordel intituladas: “*Viva a Igualdade e a Diferença*” e “*O quilombo dos Palmares: um herói chamado Zumbi*”. Nossa perspectiva retoma como ponto de partida duas afirmações feitas por Stuart Hall: 1. “*grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam, a partir dos materiais a eles transmitidos pela cultura metropolitana e dominante, numa perspectiva dialógica.*” 2.a raça como uma construção político-social “*permanece, apesar de tudo como, o segredo culposo, um código oculto, um trauma indizível*”¹.

¹ Embora Stuart Hall, cite países como Paquistão, Iraque, Indonésia, Argélia, Afeganistão, Namíbia, Moçambique e Angola, entendemos que a sua premissa aplica-se também ao Brasil e todos os países da América Latina, pois em todos eles, “o racismo biológico e a discriminação cultural não constituem sistemas distintos, mas dois registros de um mesmo racismo, onde o poder imperial foi substituídos por um

Como uma experiência comum a toda a América Latina, o Brasil adquiriu o seu conceito de razão instrumental, baseado em um “*arsenal del poder y de la dominación*”², que gerou uma modernização inteiramente incompatível com a sua razão histórica, legitimada pela voracidade do capital pela implantação de uma economia que tornou irracional toda a diferença, que não foi recuperada pela lógica instrumental do desenvolvimento. Este descompasso reflete-se profundamente em práticas discriminatórias que reforçam as desigualdades na educação, na distribuição de renda e mercado de trabalho entre a população negra de baixa renda.

Tais desigualdades foram comprovadas por dados estatísticos, que certamente influenciaram a elaboração de políticas de inclusão sociais. Estas, conseqüentemente, culminaram com a elaboração da *Série Legislação em Direitos Humanos*, como uma forma de sistematização de importantes textos constitucionais e normas jurídicas. Tais normas foram “*transformando-as em um compêndio, para facilitar o seu manuseio e estimular qualquer cidadão a conhecê-las e multiplicá-las*”. Desde a sua produção textual, disseminação e, finalmente, entrega `aqueles aos quais os textos são diretamente dirigidos, há um verdadeiro universo de perguntas muitas vezes sem respostas. Isto porque o texto, acima de tudo, configura-se como uma questão conceitual, epistemológica e empírica que é apresentada diante da proposta de negociação dos modelos de identidade cultural, sobretudo, das identidades inscritas nas relações de poder construídas pela diferença e dispersão. Em outras palavras: o texto constitucional evoca uma “resposta” ao sentido de diáspora, como conceito fechado, que se fundamenta na construção de uma fronteira de exclusão de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora sem que a exemplo da experiência caribenha, não funcional “binarismos, fronteiras veladas que não separam, mas que são também *places of passage*, e significados que são posicionais relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim”³. Embora a perspectiva de Hall retome o conceito de *diféerance*

sistema de poder assimétrico e globalizado, cujo caráter é pós-nacional e pós-imperial. Hall, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte:UFMG, Humanitas, 2003.

² Martín-Barbero, Jesus. “Introducción.” *Al Sur de la Modernidad: comunicación, globalización y multiculturalidad*. Pittsburgh: Ed.ILLI, 2001.

³ Hall, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte:UFMG, Humanitas, 2003 [61].

como fundamental para o significado, admite que há na cultura, “o deslize” inevitável do significado na semiose aberta de uma cultura, enquanto aquilo que parece fixo continua a ser dialogicamente reapropriado.

Mediante o confronto entre concepções teóricas do multiculturalismo crítico de Hall e os dados estatísticos das ciências sociais sobre a exclusão social da maioria da população negra, no Brasil, pode-se chegar a um entendimento das estratégias de ação e resistência elaboradas por Heliton de Santana. Estas estratégias são expressas a partir da configuração de seus textos que buscam atender as suas aspirações como educador, mas também o lastro ideológico sobre o qual se baseia a atuação do grupo do qual ele faz parte.¹ Desta maneira, a *comunicação* aparece como um lugar estratégico, a partir do qual, nesse caso específico, o texto oficial elaborado pelo Ministério da Justiça, será reescrito, seguindo a lógica e os modelos da comunicação, visando a atingir os indivíduos pertencentes às margens, hoje não mais separados em termos de comunicação pela hostilidade entre o modernismo clássico e a cultura de massa. Isto porque pois todos os espaços estarão ligados a partir da interatividade entre todos os elementos do sistema, borrando-se as fronteiras entre o ser e o saber. A razão comunicativa aparece no centro da reflexão social do educador, como resultado da crise dos paradigmas da produção e da representação, demonstrando que a fissura criada no centro da razão comunicativa tem possibilitado às margens um potencial de resistência e orientação moral, do qual se alimentam todos os movimentos sociais, sejam étnicos, ecológicos, de mulheres, de homossexuais e outros inseridos na nossa modernidade tardia. Entretanto, longe de representar-se como uma unilateralidade, um estímulo ou um objeto da reciclagem dos movimentos sociais, a mesma estrutura comunicativa cria, ao mesmo tempo, novas relações entre a ciência e a tecnologia, tornando-se uma razão *“que se: mueve entre la apertura de un horizonte ilimitado de exploración y la conciencia del carater limitado de toda forma de conocimiento, del irreductible “carater local” de todos los discursos”. En esa misma dirección, pero que despojada aun del austero optimismo que practica Lyotard, la sociedad de la comunicación que ausculta Vatimmo es aquella en que emerge el debilitamiento de lo real”* que

¹ O educador popular, Heliton de Santana faz parte do grupo Agentes da Pastoral dos Negros vinculado à Arquidocese de João Pessoa, PB. Os folhetos que utilizamos como corpus para esse trabalho, foram publicados pela mesma entidade católica.

experimenta el habitante urbano en la constante mediación que ejercen las tecnologías, el incesante entrecruce de informaciones, interpretaciones e imágenes que producen las ciencias y los medios de comunicación ¹.

Desfeitas teoricamente as fronteiras entre a chamada cultura superior e a cultura popular ou de massas, resta-nos a delimitação os *campos de tensões* entre categorias, como, tradição, inovação, arte culta das culturas do povo e das massas, que, não podendo ser expressas nas categorias centrais da modernidade como, tradição/inovação, progresso/reação, vanguarda/kitsch. por serem categorias abrem a questão das tradições culturais, como uma questão estética e política. Por exemplo: “La cuestión del outro poniendo al descubierto lo que la modernidad há tenido de imperialismo interno y externo”. Esta é uma questão, que em muitas das sociedades contemporâneas, neste começo de milênio, tem assumido um caráter, como diz Hall:

mais multicultural ou “eticizado,” numa íntima relação da “questão multicultural” e o fenômeno pós-colonial, marcando a passagem de uma configuração ou “conjuntura histórica e poder para outra, em que problemas de dependência, subdesenvolvimento e marginalização, típicos “do alto” período colonial, persistem no pós-colonial...as características destes governos democráticos são: a desigualdade estrutural, dentro de um sistema desregulamentado, de livre mercado e de livre fluxo de capital, dominado pelo Primeiro Mundo; e os programas de reajuste estrutural, nos quais prevalecem os interesses e modelos ocidentais de controle [61].

A literatura de cordel no Brasil: estudos e atualidade

Os estudos acadêmicos sobre cordel brasileiro remontam à década de 1920 Gustavo Barroso (1921), publicou a antologia pioneira de poesia popular *Ao Som da Viola*. Com isso ele propunha que se estudasse, primeiramente, o seu folclore, isto é, tanto a tradição poética popular oriunda do cantador que há séculos, conta a história da região e a epopéia rústica do homem, como a tradição literária popular ². Ainda naquela

¹ Martín-Barbero, Jesus. “Introducción.” *Al Sur de la Modernidad: comunicación, globalización y multiculturalidad*. Pittsburgh: Ed.ILLI, 2001 [11].

² Informações colhidas a partir do trabalho de Mark Curran, *História do Brasil em Cordel*. (São Paulo: EDUSP, 2003).

mesma década dentro do debate sobre a identidade nacional brasileira, o nome do poeta afro-descendente, Mário de Andrade, um dos principais expoentes da Semana de Arte Moderna (1922), é bastante significativo no estudo das tradições populares, e de suas representações, no que se refere à revalorização das culturas subalternizadas, principalmente a indígena e afro-brasileira que perpassam toda a produção poética e em prosa (1918-1945). Entre todas as obras, destaque-se a rapsódia, *Macunaíma: um herói sem nenhum caráter*. Da década de 1930 à de 1940, devem-se a Luís da Câmara Cascudo estudos relevantes sobre a teoria folclórica brasileira e a sua correlação com as raízes ibéricas. Na década de 1970 procedeu-se, também à organização do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, por iniciativa do prof. Thiers Martins Moreira, diretor do centro de pesquisa pela influência de escritores como Orígenes Lessa, Manuel Cavalcanti Proença e do antropólogo social Manuel Diégues Júnior. Muitas outras fontes bibliográficas contemporâneas são também listadas no recente trabalho do brasilianista Mark Curran *História do Brasil em Cordel*.

Outras fontes teóricas poderiam ser também anexadas à lista; entretanto, para não fugirmos à especificidade que nosso trabalho deseja alcançar, destacamos um aspecto fundamental: a grande maioria dos estudos teóricos permanecem fiéis às abordagens metodológicas que se afastam de recortes antropológicos, em especial o problema sociológico do negro e a sua vinculação com os personagens de cordel e a sua correlação com categorias predominantemente literárias. Tais ocorrências deixam de ser privilegiadas por duas razões: a primeira é o do cânone na literatura tradicional e sua orientação de estudos que homogeneizam a literatura como um todo, influenciando dessa maneira o estudo da literatura de cordel, como uma produção das classes subalternizadas, sem especificar as diferenças dentro dessa produção. Dessa forma, a grande maioria dos pesquisadores “minimizam” o problema. A outra diz respeito à grande maioria dos poetas nordestinos que não se consideram epidérmica, e politicamente como negros, motivados pela própria história de discriminação racial e segregação social do negro na sociedade brasileira. Assim, os textos em cordel, em sua grande maioria reproduzem certos estereótipos presentes também à literatura tradicional pondo em questão o problema de representação e autoridade. O nosso trabalho, ao contrário, destaca a produção de um poeta popular que se identifica com o negro, um aspecto pouco

explorado dentro da literatura de cordel no Brasil, até `a presente data. Trata-se, portanto, de uma análise que o caracteriza como um espaço ideológico e literário.

A comunicação da pastoral e a proliferação subalternizada da diferença

Como estamos tentando argumentar, os meios de comunicação adotados pelo educador Antonio Helinton de Santana, como toda produção cultural marcada por “conexões laterais,” vem confrontando-se não apenas com o eixo “vertical” do poder cultural, econômico e tecnológico mas também as diferenças locais que denominamos como aspectos de uma colonização interna, podendo ser entendidas, respectivamente como uma matriz conservadora epidermica e ideologicamente “branca” que, “respondendo” ao texto do poeta e educador, tenta através do discurso “livrar-se” de sua responsabilidade moral sobre uma camada social discriminada, tanto em termos de classe social quanto pela noção de raça. Já o segundo receptor, o “Outro”, da oposição binária apreende o texto como um receptor ambíguo: trata-o com cautela e com um certo ceticismo. Em conseqüência, reintegra de forma confusa, no seu discurso como uma resposta imediata em busca de justiça social, e como inserção em algo ainda mal definido no país como o conceito de cidadania. Ante o o exposto, o texto do educador e a ideologia que dá suporte `a Pastoral dos Negros, ao contrário dos receptores sociais que detêm os privilégios, podem ser considerados com o que Derrida chama de *différance*, dentro do contexto global de luta e negociação ante os interesses “locais” dos sujeitos, que se identificam com o eixo “vertical” do poder cultural econômico e tecnológico. Esses ainda persistem na manutenção de um discurso racista velado, alimentando a forma binária da diferença entre o que é absolutamente o mesmo e o que é absolutamente o “Outro.” O significado aqui ainda é fixado, podendo ser “destituído” apenas pelo trabalho ideológico de textos propostos que a nossa análise exemplifica o seu valor comunicativo, como textos ao alcance das massas, disseminados por esforços vernáculos que, “não podem ser essencializados como um valor político, mas apenas determinado em termos relacionais”¹.

¹ Hall, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte:UFMG, Humanitas, 2003 [62].

Passemos agora a uma análise panorâmica dos textos dada a sua elaboração, que representa uma estratégia de *différence* e suas negociações simbólicas, do ponto de vista formal, confrontando inicialmente o texto erudito e a sua reescrita popular, que particulariza a própria diferença. Embora ambos os textos, a princípio, usem a estratégia da *differánce*, a versão popular, com a literatura de cordel alcança, seu objetivo comunicativo de forma mais abrangente do que o texto elaborado pelo Ministério da Justiça, uma vez que há uma completa identidade entre o código lingüístico utilizado pela versão do educador e o receptor “ideal,” ou seja, todo aquele que não tem acesso a uma escolaridade universitária nem uma noção sobre a importância de seu lugar na sociedade mediante através de seu contato com a “legislação social popularizada” (através do folheto). Esse leitor, “passa” a absorver, gradativamente, um conceito moral e democrático de cidadania. O texto em cordel, nesse caso, dialoga diretamente com o texto elaborado pelo Ministério de Justiça e pela Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania e refere-se, em especial, ao III capítulo da série intitulada Discriminação por Raça e Cor, baseado na Lei no. 7.716, de 05 de janeiro de 1989.

A especificidade formal de “A lei contra o racismo” traz em sua estrutura uma variante menos rigorosa do que a forma narrativa do cordel “clássico,” que exibia obrigatoriamente uma estrutura poética, contendo versos setissilábicos com rimas ABCBDB. Entretanto, esse aspecto diferencial não deixa de cumprir os principais objetivos da narrativa de cordel que são: o favorecimento da memorização, a qual é típica de culturas da tradição oral; nesse caso, evoca as tradições ancestrais africanas e a preocupação ideológica expressos pela transmissão de um pensamento ou sentimento social:

1. Pra começo de conversa ²

Quero lhe apresentar

A lei contra o preconceito

O racismo de matar

A lei que defende o negro

No Brasil, nosso lugar

² O referido texto foi transcrito obedecendo as formas como estão escritas.

2. É preciso conhece-la
Entende-la muito mais
Converse com negro e branco
Sobre o que a lei nos traz
Evitando-se punir
Assim vivem todo em paz

3. Se voce quiser saber
Se digo a verdade ou não
Abaixo de cada verso
Tem um número então
Ele indica a lei
Onde as ordens estão....

4. Quando você tiver lendo
Deixe o numero de lado
Não leia pra quem escuta
Pra evitar pé quebrado
O número mata a rima
Cuidado, muito cuidado

5. Leia com muita atenção
Leia em grupo numa boa
Converse sobre esta lei
E não converse à toa
Se você bem entendê-la
Conte pra outra pessoa

6. Tudo feito com amor

A força do coração

Muda negro, muda branco...

Inimigo vive irmão

Devagar se vai longe

Diga-me se é ou não?

7. Ó Deus Santo Criador

Dê-me a inspiração

Pra eu lutar por justiça

Com toda animação

Com toda a força guerreira

8. Irmão, leve a mensagem

aonde o vento chegar

Leve a cada coração

Pra que ele possa mudar

Liberte-o do preconceito

Pra lhe humanizar

9. O preconceito que falo

Preconceito racial

A tal discriminação

O racismo este mal

Que massacra os povos negros

Tirando da vida o sal

10. Negro tem pele escura

E cabelo pixaim

Ou liso ou ondulado

E o sarará, enfim
Branco de cabelo duro
É negro confie em mim...”

Ao longo de cinquenta e seis versos, o educador reescreve dentro de uma tradição que, embora represente um localismo, pela sua natureza histórica, é um texto atualizado que traduz um sentido de resistência não apenas frente ao discurso tecno-modernizante e ocidentalizante da modernidade, como também “uma sombra”, que se interpõe como um resíduo do passado, que volta para transtornar, perturbar seus estabelecimentos culturais, denominado “exterior constitutivo da globalização”. Encontramo-nos, portanto, diante de um “retorno” do particular e do específico, dentro de uma outra especificidade que obedece, por exemplo, “as mesmas” prerrogativas entre o universal e o particular representados pela dialética cultural nacional *versus* primeiro mundo. No caso específico do discurso incorporado pela pastoral, o particularismo obedece a um modelo progressista, aberto, dentro de um contexto, em que se misturam pessoas epidermicamente negras e politicamente negras, também pertencentes a diferentes tendências religiosas que vêm articulando com outras forças particulares, disseminadas para os centros das metrópoles, estatal, nacional e internacional.

Ainda, do ponto de vista estrutural, o texto em questão cumpre as características gerais pertinentes à literatura de cordel¹, como por exemplo, a importância do tópico para o poeta e seu público no momento da ocorrência, dizendo o porquê de sua história, principalmente nas estrofes 1 e 2, enquanto a mesma idéia é reiterada nas demais; a vivência do poeta que se identifica com os objetivos principais, fazendo com que o seu público tome conhecimento da Lei e que juntos lutem por justiça. Embora não haja no texto personagens que possuam funções dramatizadas, e o texto dirija-se a uma coletividade desatenta à questão da discriminação racial, os fatos são narrados em terceira

¹ Relacionamos os textos de cordéis mediante as suas características literárias, listadas por Curran em *História do Brasil em Cordel*.

pessoa. No final, o poeta estabelece a “inclusão” do negro na comunidade brasileira baseando-se no princípio de homogeneidade e união do povo brasileiro, mediante de suas diferenças.

O cordel “O quilombo dos Palmares,” possui o mesmo objetivo do anterior, ou seja, informar, educar a partir de um particularismo temático, que recria historicamente a vida comunitária e livre de um quilombo, onde, de acordo com o poeta, viviam brancos, negros e índios (estrofes 1, 2, 3). A narrativa, à exemplo do folheto anterior, é feita em terceira pessoa. O poeta a relaciona à conquista de um certo território geográfico comunitário (estrofe 4), cuja hegemonia dentro de um universalismo determinante durou cem anos. A atualização do passado através do presente (a correlação entre o quilombo e as terras remanescentes) dá-se pela evocação de um estado de direito legal que culmina com a reivindicação contemporânea da legalização das terras remanescentes dos quilombos, cujo símbolo de resistência maior foi Palmares.

O léxico aproxima-se da linguagem coloquial urbana nordestina, associado a alguns regionalismos, como: “mudar o toque do bombo” (mudar a situação - estrofe 1); “Em um piscar de olhares” (numa grande rapidez - estrofe 8); “Em busca de outros ares”(em busca de outros lugares - estrofe 8); “Sentado não leva tombo” (estrofe - 14 quem está sentado não cai); “O negro que é bem vivo”(estrofe – 16 que é inteligente) etc. O recurso retórico predominante no folheto, é o recurso da metáfora, através do qual Palmares ficou na história como um símbolo de resistência e liberdade, sobretudo, de luta pela terra. Dessa forma, o cordel busca reintegrar elementos de um particularismo plural que caracteriza a experiência do negro dentro de uma comunidade imaginada, seja num espaço urbano ou rural, a partir de diferenças de classe, região ou localidades que caracterizam os espaços da nação.

1. Você sabe o que é
- O conhecido quilombo
- A comunidade negra
- Resistindo a todo tombo
- Prá viver em liberdade
- Mudando o toque do bombo

2. Dos quilombos do Brasil

Palmares é exemplar

Ficava em Alagoas

Não se pode duvidar

Umhas trinta mil pessoas

Viveram tão bem por lá

3. Os negros, índios e brancos

Uma total harmonia

Viveram a fraternidade

Que se sonha hoje em dia

Uma vida igualitária

Motivo de alegria

4. Palmares, comunidade

Comunidade rural

Os bens por lá produzidos

Repartidos coisa e tal

Conforme a necessidade

De cada um em geral

5. A outra parte dos bens

Era pra se prevenir

Em tempo de luta e seca

Outra parte para servir

Pra trocar por ferramenta

E armas, não vou mentir

6. A vida livre, de irmãos

Atraia a negrada

Fugiram para Palmares

Era longa a caminhada

Em busca de liberdade

A hora era chegada

7. Pra conter os escravos

Senhores proprietários

Como também o governo

Que eram os mandatários

Atacavam o quilombo

Um bando de salafrários

8. Foram vinte os ataques

Ao Quilombo dos Palmares

Num o chefe Ganga Zumba

Em um piscar de olhares

Foi ferido e fugiu

Em busca de outros ares

9. Temendo outros ataques

E não poder resistir

Ganga Zumba fez acordo

Pro governo garantir

Uma terra pra viver

O que disso pode vir?

10. Moravam essa terra
Os em Palmares nascidos
Os fugitivos escravos
Para os donos devolvidos
Diante desse acordo
Palmares foi dividido

11. Palmares foi dividido
Parte ficou com Zumbi
A outra com Ganga Zumbi
Leia direto aqui
Por vinte anos Palmares
Inda pode resistir

12. Ao todo foram cem anos
De vida em fraternidade
Resistindo aos ataques
Lutando contra a maldade
Lutando pra viver livre
Num mundo de igualdade

13. O Domingos Jorge Velho
Chefe da expedição
Que destruiu o quilombo Palmares
Com ataques de canhão
Destruiu o quilombo Palmares
Porém sua lembrança não

14. Inda há comunidades
Que foram velhos quilombos
Se isso for provado
Sentado não leva tombo
A terra passa prós negros
Me disse isso um pombo

15. Quem garante o direito
É a constituição
A lei maior do Brasil
Mas com organização
Com luta, com exigência
Com reivindicação

16. Recuperar essas terras
É dever da quilombada
Do negro lá do quilombo
E conquista, não esmola
O negro que é bem vivo
Quem engana? Quem enrola?

As fissuras provenientes da desigualdade na sociedade brasileira caracterizada pela noção de raça, constituem, ainda, uma das maiores discrepâncias da aplicação do modelo liberal à sociedade brasileira, uma vez que desmitifica sua suposta universalidade em garantir a um número cada vez maior de indivíduos, permitindo-lhes, autonomia e liberdade individual, por serem dependentes dos contextos socio-culturais em que estão inseridos.

Do ponto de vista normativo, a integridade da pessoa física não pode ser garantida sem a proteção das experiências compartilhadas intersubjetivamente, bem como dos contextos de vida, nos quais a pessoa foi socializada e formou sua identidade. A identidade do indivíduo está entrelaçada como as identidades coletivas e pode ser

estabilizada apenas em uma rede cultural, que como a língua materna, não pode ser apropriada como propriedade privada. Conseqüentemente, o indivíduo permanece na qualidade de portador de “direitos” à participação cultural. Do exposto, verificamos que os cordéis estudados mantêm a mesma abordagem comum aplicável a outros casos, como: um tópico importante para o poeta e seu público, no momento da ocorrência e de seu registro; interrelação da *persona* do poeta com o público, com uma alternância do léxico, predominando o estilo urbano, com ocorrências regionais. Ambos os cordéis mantêm uma visão didática sobre o lugar do negro na sociedade através da qual é destacado o principal objetivo de elaboração: ensinar e aconselhar o negro a conhecer sua história de luta, interagindo o passado e o presente.

Apesar dos programas oficiais e ações afirmativas que garantem igualdade de condições, o racismo biológico alia-se à falta de compromisso ético de uma classe média normalmente omissa, no que se refere às camadas marginalizadas da sociedade. A noção de nacionalidade brasileira e o fenômeno da miscigenação biológica, dentro do próprio grupo familiar tem constituído um elo de resistência à “compreensão” dos mecanismos discriminatórios realimentados constantemente. Como uma construção social e política, o racismo brasileiro fortalece os mecanismos de exclusão de uma camada significativa da população brasileira. Muitas são as ações e sugestões teóricas dos programas oficiais e ações afirmativas a serem devidamente absorvidas pela população marginalizada. Certamente o problema constitui um desafio social que necessita um esforço coletivo, a fim de que as classes privilegiadas, assumam uma tomada de posição predominantemente política, ou seja, coloquem-se ao lado da alteridade para que a subjetividade dos excluídos e seus direitos como cidadãos sejam reconhecidos como um problema moral de um país que tem, em seu potencial biológico, elementos que poderão transformá-lo, quem sabe um dia, em uma verdadeira democracia racial. Ao mesmo tempo, medidas legais necessitam ser postas em prática, como um esforço conjunto das autoridades governamentais e políticas, para estas absorverem a questão como um problema de conjuntura e prioridades nacionais, que perpassam diversos setores da coletividade, especialmente a educação, a saúde, a distribuição de renda. Dessa forma, tais medidas amenizariam o desemprego e a violência. Ambos atingem todas as camadas da sociedade, sobretudo as mais humildes.

Só assim, podemos compreender o Outro, sem negá-lo, a partir de sua história, de seu meio, de seus hábitos. Tudo isso é que são também a história dessa comunidade imaginada chamada Brasil. Desta maneira, como sujeitos, exerceremos uma forma de “poder” mais crítico.